

## ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM FRENTE À FAMÍLIA DO PORTADOR DE TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Recebido em: 25/01/2021

Aceito em: 21/09/2023

DOI: 10.25110/arqsaude.v28i2.2024-8393



Larissa Rafaela de Paula Ferreira<sup>1</sup>  
Marileisa Barbosa<sup>2</sup>  
Renan Felipe de Paula Ferreira<sup>3</sup>  
Daniele Garcia de Almeida Silva<sup>4</sup>  
Cristiane Claudia Meinerz<sup>5</sup>

**RESUMO:** O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é a disfunção neurológica que implica na interação social, comunicação verbal e corporal, geralmente acompanhado de comportamentos estereotipados, envolvendo demais características variáveis, usualmente sua manifestação ocorre logo na primeira infância. Este estudo tem como objetivo principal identificar e analisar a assistência de enfermagem realizada pelo enfermeiro às famílias de portadores de Transtorno do Espectro Autista (TEA) e verificar as dificuldades encontradas por este profissional para implementação de cuidados aos mesmos, pois acredita-se que os enfermeiros não estão capacitados de forma adequada para auxiliar e amparar psicologicamente esta família. Deste modo, para compreender a atuação do enfermeiro no cuidado à família do portador de TEA fora aplicado questionário contendo 06 (seis) perguntas discursivas, elaboradas pelas autoras deste estudo e fundamentadas por meio de revisão da literatura. Este foi aplicado à 17 (dezessete) enfermeiros que atuam em Unidades Básicas de Saúde nos Municípios de Mundo Novo/MS, Eldorado/MS, Guaíra/PR, Marechal Cândido Rondon/PR, com no mínimo um ano de prática profissional. Os dados foram analisados utilizando a técnica de análise de conteúdo, descrita por Bardin. A pesquisa demonstrou que a principal dificuldade dos enfermeiros é a falta de capacitação e atualização a respeito da temática e contribuiu para o entendimento, de maneira geral, sobre as práticas e abordagens utilizadas pelos enfermeiros frente às vulnerabilidades emocionais dos membros da família do Autista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Autismo; Enfermagem; Família.

<sup>1</sup> Bacharel em Enfermagem, Universidade Paranaense, Guaíra, PR, Brasil.

E-mail: [larissarafaela\\_pf@hotmail.com](mailto:larissarafaela_pf@hotmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8087-8555>

<sup>2</sup> Bacharel em Enfermagem, Especialista em Saúde Pública com Abrangência em Saúde da Família, Mestre em Promoção da Saúde, Professora Adjunta da Universidade Paranaense, Guaíra, PR, Brasil.

E-mail: [marileisabarbosa@prof.unipar.br](mailto:marileisabarbosa@prof.unipar.br) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3946-270X>

<sup>3</sup> Licenciado em Matemática, Pós-Graduando em Ciência de Dados Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI.

E-MAIL: [renanferreira@hotmail.com](mailto:renanferreira@hotmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-6898-4945>

<sup>4</sup> Bacharel em Enfermagem, Mestre em Saúde Coletiva, Professora e Coordenadora do Núcleo de Saúde da Universidade Paranaense, Guaíra, PR, Brasil.

E-mail: [danielegarcia@prof.unipar.br](mailto:danielegarcia@prof.unipar.br) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8549-6652>

<sup>5</sup> Bacharel e Licenciada em Ciências Biológicas, Doutora em Agronomia, Professora Adjunta da Universidade Paranaense, Guaíra, PR, Brasil.

E-mail: [cristianeclaudia@prof.unipar.br](mailto:cristianeclaudia@prof.unipar.br) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6035-1633>

## **NURSING ASSISTANCE IN FRONT OF THE FAMILY OF THE CARRIER OF AUTISTIC SPECTRUM DISORDER (TEA)**

**ABSTRACT:** The Autistic Spectrum Disorder (ASD) is a neurological dysfunction that implies in the social interaction, verbal communication, usually followed by stereotyped behaviors, involving other variables characteristics, usually its manifestation occurs right on early childhood. This study has as main objective to identify and analyze the nursing care performed by the nurse to the families that have people with Autistic Spectrum Disorder (ASD) and verify the difficulties encountered by this professional in providing care to these people, because it is believed that the nurses are not properly trained to assist and support psychologically these families. Therefore, in order to comprehend the nursing performance in care the family of the person who has ASD, a six discursive question questionnaire was applied, made by the author of this study and substantiated by literature review. This questionnaire was applied to seventeen nurses who work in the Basic Health Unit from the citites Mundo Novo/MS, Eldorado/MS, Guaíra/PR, Marechal Cândido Rondon/PR, with at least one year of professional experience. The data were analyzed using the content analysis technique, described by Bardin. The research has shown that the main difficulty of the nurses is the lack of training and update about the theme and contributed to the understanding, generally, about the practice and approaches used by the nurses towards the emotional vulnerabilities of the members of the Autistic family.

**KEYWORDS:** Autism; Nursing; Family.

## **ATENCIÓN DE ENFERMERÍA A LA FAMILIA DE PERSONAS CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

**RESUMEN:** El Trastorno del Espectro Autista (TEA) es una disfunción neurológica que involucra la interacción social, la comunicación verbal y corporal, generalmente acompañada de conductas estereotipadas, que involucran otras características variables, manifestándose generalmente en la primera infancia. El objetivo principal de este estudio es identificar y analizar los cuidados de enfermería brindados por enfermeras a familiares de personas con Trastorno del Espectro Autista (TEA) y verificar las dificultades que encuentra este profesional en implementar los cuidados hacia ellos, ya que se cree que las enfermeras no son adecuadamente capacitados para asistir y apoyar psicológicamente a esta familia. Así, para comprender el papel del enfermero en el cuidado de la familia de personas con TEA, se aplicó un cuestionario que contiene 06 (seis) preguntas discursivas, elaborado por los autores de este estudio y basado en una revisión de la literatura. Se aplicó a 17 (diecisiete) enfermeros que actúan en Unidades Básicas de Salud de los Municipios de Mundo Novo/MS, Eldorado/MS, Guaíra/PR, Marechal Cândido Rondon/PR, con al menos un año de ejercicio profesional. Los datos fueron analizados mediante la técnica de análisis de contenido, descrita por Bardin. La investigación demostró que la principal dificultad que enfrentan los enfermeros es la falta de capacitación y actualización sobre el tema y contribuyó a la comprensión, en general, de las prácticas y enfoques utilizados por los enfermeros frente a las vulnerabilidades emocionales de los miembros de la familia Autista.

**PALABRAS CLAVE:** Autismo; Enfermería; Familia.

## 1. INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) vem sendo estudado e discutido há muitos anos, porém, na década de quarenta, os estudos envolvendo autismo aumentaram ganhando mais força com o passar do tempo. De acordo com Tabaquim *et al.* (2015) nunca se discutiu tanto sobre autismo como atualmente, este assunto vem sendo muito debatido pois há um aumento significativo na incidência do TEA a nível mundial, em média 60 casos a cada 10.000 crianças, com maior prevalência no sexo masculino. A Organização Pan-Americana de saúde estima que o número de incidência deste transtorno deve aumentar com o decorrer dos anos, principalmente pela busca de informações e distintas formas de diagnóstico (Opas, 2017).

De acordo com a literatura, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é a disfunção neurológica que implica na interação social, comunicação verbal e corporal, geralmente acompanhado de comportamentos estereotipados envolvendo demais características variáveis, manifestando-se logo na primeira infância (Grisei-Oliveira; Sertié, 2017; Mapelli *et al.*, 2018).

Muito se fala sobre (TEA), porém pouco se debate sobre a qualidade de vida e saúde mental da família com membro portador deste transtorno. A família é o primeiro ambiente de socialização da criança e o contexto primário de seu cuidado, sendo necessário adaptações constantes, pois ocorrem diversas mudanças, principalmente na primeira infância. Com uma criança portadora de Transtorno do Espectro Autista (TEA) não poderia ser diferente, porém a alteração da rotina é maior e mais intensa, podendo se tornar preocupante quando o assunto é a saúde mental do cuidador a médio e longo prazo. Um indivíduo portador de TEA, devido a cronicidade das características, tende a necessitar constantemente do cuidador, em geral as mães, dificultando a convivência no âmbito familiar e a interação social das mesmas, ocasionando tensão e estresse devido à sobrecarga e acarretando danos físicos e psicológicos (Tabaquim, 2015; Mapelli, 2018).

Desse modo, Mapelli (2018) destaca que o bom entendimento do profissional enfermeiro sobre TEA é de suma importância, pois a relação frequente que o enfermeiro da Unidade Básica de Saúde (UBS) estabelece com o portador de TEA e sua família possibilita assistência e acompanhamento do diagnóstico. Além disso, compete ao enfermeiro amparar e instruir melhor os familiares, ajuda-los a compreender a condição que a família se encontra, para assim auxiliar na adaptação familiar que necessita de atenção constante, pois o processo é gradual. As consultas de enfermagem e visitas domiciliares permitem a

análise da singularidade e papel desempenhado por cada membro no seio familiar, a fim de compreender a estrutura, rotina e as relações interpessoais distinguindo os papéis exercidos individualmente, possibilitando a identificação da fragilidade psicológica de cada integrante facilitando o planejamento e implementação dos cuidados (Mapelli *et al.*, 2018).

A reação inicial da família varia de acordo com a forma que a notícia do diagnóstico é fornecida, conforme a postura e a segurança transmitida, podendo prolongar o luto pós-diagnóstico ou auxiliar no enfrentamento familiar, portanto o conhecimento do enfermeiro sobre o autismo e o tratamento humanizado com escuta terapêutica de qualidade é imprescindível no apoio familiar. Além disso, o enfermeiro deve estar capacitado para reconhecer características indicativas e aconselhar a família a buscar esclarecimentos para identificação precoce do TEA iniciando prontamente o tratamento apropriado (Brasil, 2000).

A atenção do enfermeiro à família do Autista pode ser realizada através da implementação da Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE). Visto que a SAE é uma forma eficaz de coleta de dados, que proporciona qualidade na organização e prescrição de cuidados ao portador de TEA e familiares do seu convívio, respeitando horários, hábitos e rotinas, auxiliando na redução da agitação, estresse, e melhora na relação interpessoal, facilitando o tratamento e aumentando a qualidade de vida no âmbito familiar (Dias *et al.*, 2015).

No entanto, acredita-se que os enfermeiros não estão capacitados de forma adequada para auxiliar e amparar psicologicamente a família do Autista, em especial o cuidador principal, dificultando a escuta terapêutica, o planejamento e a implementação dos cuidados que são instrumentos imprescindíveis para a prevenção de transtornos a médio e longo prazo. Posteriormente à finalização desta pesquisa, almeja-se que o profissional enfermeiro reconheça a importância no auxílio à qualidade de vida e saúde mental em integrantes da família do autista, procurando capacitar-se a fim de implementar ações preventivas no seio familiar e comunitário.

O objetivo dessa pesquisa é analisar a assistência do enfermeiro para as famílias de portadores de Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) nos Municípios de Mundo Novo/MS, Eldorado/MS, Guaíra/PR, Marechal Cândido Rondon/PR.

## 2. METODOLOGIA

O presente estudo teve uma abordagem qualitativa de cunho descritivo e exploratório. Foi realizada com profissionais de enfermagem das Unidades Básicas de Saúde (UBS) dos municípios de Mundo Novo/MS, Eldorado/MS, Guaíra/PR, Marechal Cândido Rondon/PR, sendo destinada ao enfermeiro gestor de cada unidade, mediante o consentimento do Enfermeiro responsável pelas Unidades Básicas de Saúde do Município (ANEXO A).

A pesquisa recebeu aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Paranaense – UNIPAR, sob o parecer nº 3.460.905 no dia 18 de julho de 2019. A mesma obedeceu aos princípios éticos contidos na Resolução no 466/2012 de competência do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde (ANEXO B).

Inicialmente realizou-se um levantamento bibliográfico nas principais bases de dados: Scientific Electronic Library Online (Sciello), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Google Acadêmico, a fim de buscar uma maior compreensão teórica sobre o tema, visto seu elevado grau de complexidade.

Desta forma, considerando tal complexidade e o foco deste trabalho, participaram desta pesquisa apenas profissionais com graduação em enfermagem e atuantes nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) por um período mínimo de 12 meses, sendo excluídos os participantes que:

- Profissionais que não possuam formação em Enfermagem;
- Enfermeiros recém-graduados, com menos de 12 meses de atuação na UBS;
- Não concordância com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

### 2.1 Local de estudo

A pesquisa foi desenvolvida em UBSs dos municípios de Mundo Novo/MS, Eldorado/MS, Guaíra/PR, Marechal Cândido Rondon/PR, sendo destinada ao enfermeiro gestor de cada unidade.

A execução da pesquisa foi iniciada por meio da apresentação do projeto nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) dos Municípios, buscando sensibilizar os enfermeiros quanto a relevância acadêmica e científica da pesquisa, explicando os métodos, seus objetivos e esclarecendo eventuais dúvidas.

Os enfermeiros que aceitaram participar do estudo receberam orientações quanto ao preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) sendo-lhes

garantido o direito de recusa, de anonimato e o sigilo de suas identidades, estando de acordo com Resolução nº466/2012 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde (ANEXO C).

## **2.2 Coleta dos dados**

O método empregado para coleta de dados desta pesquisa foi a utilização de um questionário semiestruturado (APÊNDICE A), aplicado pela autora a todos os enfermeiros participantes desta pesquisa. O questionário versou sobre as principais assistências prestadas e sua importância, para o atendimento das famílias dos portadores de TEA, suas abordagens, as principais dificuldades e o que poderia ser feito para melhorar a qualidade de vida da família do autista.

## **2.3 Análise dos dados**

Para proporcionar maior compreensão do tema, os dados foram analisados qualitativa e quantitativamente. A análise quantitativa buscou mensurar parte dos dados visando sua simplificação para identificar padrões, utilizando-se da estatística descritiva. Já na análise qualitativa utilizou-se a técnica de análise de conteúdo, conforme proposto por Bardin (2011):

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2011, p. 47).

De acordo com Bardin (2011) nessa técnica o pesquisador busca:

[...] compreender as características, estruturas ou modelos que estão por trás dos fragmentos de mensagens tornados em consideração. O esforço do analista é, então, duplo: entender o sentido da comunicação, como se fosse o receptor normal, e, principalmente, desviar o olhar, buscando outra significação, outra mensagem, passível de se enxergar por meio ou ao lado da primeira (Bardin, 2011, p.182).

Deste modo, a análise de conteúdo foi dividida em três fases: i) a pré-análise ou organização dos documentos, ii) exploração do material e o iii) tratamento dos resultados e interpretação (Bardin, 2011). Na pré-análise foi realizado a leitura dos documentos, digitalização do questionário, tabulação das respostas em uma pasta de trabalho do Excel e, devido ao anonimato da pesquisa, a classificação e numeração sequencial dos participantes da seguinte maneira:

- E1 a E5 – enfermeiros das UBS’s do município de Guaíra/PR;
- E6 a E10 – enfermeiros das UBS’s do município de Marechal Cândido Rondon/PR;
- E11 a E14 – enfermeiros das UBS’s do município de Mundo Novo/MS;
- E15 a E18 – enfermeiros das UBS’s do município de Eldorado/MS.

Na fase de exploração do material, foi realizada a categorização e compilação dos dados. As categorias foram definidas de acordo com o tema abordado em cada questão e agrupadas em quadros matriciais, buscando observar as qualidades de exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, produtividade, objetividade e fidedignidade, conforme preceituado por Bardin (2011). Após a categorização, foi elaborada a definição de cada categoria fundamentada nas respostas dos participantes e, inserida no quadro matricial, logo após o seu título (Câmara, 2007).

No tratamento dos resultados e interpretação, os dados foram classificados de acordo com suas características comuns. Buscando, através de um enunciado geral para cada categoria, validar e significar os dados, relacionando-os com a fundamentação teórica (Câmara, 2007; Bardin, 2011).

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A proposta inicial desta pesquisa era a aplicação do questionário ao enfermeiro responsável pela Unidade Básica de Saúde (UBS) de cada município selecionado, totalizando 20 entrevistas, ou seja, 05 (cinco) por município. Contudo, devido a recusa de dois enfermeiros em participar da pesquisa, e o não atendimento do critério de inclusão “tempo de experiência maior que 12 meses” por parte do enfermeiro “E1”, reduziu-se o tamanho da amostra, totalizando 17 entrevistas (TABELA 1-A e 1-B).

**Tabela 1:** Caracterização dos participantes do estudo segundo o status de participação (A), município (B), sexo (C) e tempo de experiência (D).

A)			B)		
Status de Participação	FA	FR (%)	Município	FA	FR (%)
Incluído	17	85	Eldorado/MS	4	23,53
Excluído	1	5	Mundo Novo/MS	4	23,53
Recusou-se	2	10	Guaira/PR	4	23,53
Total	20	100,00	Mal. Cândido Rondon/PR	5	29,41
			Total	17	100,00

  

C)			D)		
Sexo	FA	FR (%)	Experiência - E (em anos)	FA	FR (%)
Masculino	0	0	1 ≤ E < 6	13	76,47
Feminino	17	100,00	6 ≤ E < 10	2	11,76
Total	17	100,00	E ≥ 10	2	11,76
			Total	17	100,00

FA = Frequência Absoluta FR = Frequência relativa.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Nesse seguimento, observa-se que as mulheres ocupam a totalidade dos cargos de enfermagem nas UBS's objetos desse estudo (TABELA 1-C), corroborando com os estudos de Bandeira e Oliveira (1998), Spindola e Santos (2005) e Andrade (2007) que observaram que a profissão de enfermagem, quase em sua totalidade, era composta por mulheres.

No entanto, observa-se ainda, que a maior parte das enfermeiras possui tempo de experiência inferior a 06 (seis) anos de prática na UBS (TABELA 1-D), caracterizando pouca experiência de atuação para o enfrentamento de desafios que vão além das habilidades e competências da área da saúde, como aptidão técnico-política, liderança e gestão de equipes (Silva *et al.*, 2009). Nesse contexto, a experiência prática favorece a tomada de decisão do enfermeiro, quando este se depara com situações que dificultem uma tomada racional de decisão (Eduardo, 2015).

Ante ao exposto, as respostas dos enfermeiros foram categorizadas e analisadas de acordo com suas semelhanças, conforme descrito por Bardin (2011) para o método de análise de conteúdo. Cada pergunta deu origem a uma categoria que, por sua vez, foi subdividida em eixos temáticos de acordo com as semelhanças entre as respostas dos enfermeiros, sendo desconsideradas respostas em duplicidade ou que não respondessem à pergunta. Assim as categorias e os eixos observados foram:



- I. Assistência de enfermagem realizada à família: orientação, acompanhamento e in experiência;
- II. Abordagem do enfermeiro à família: acolhimento e orientação;
- III. Dificuldades do enfermeiro no atendimento à família: capacitação e negação familiar;
- IV. Importância da assistência de enfermagem à família: acolhimento, capacitação familiar, planejamento e implementação de cuidados;
- V. O que pode ser feito para melhorar: grupos de apoio e qualificação profissional.

Deste modo, a categoria “Assistência de enfermagem realizada à família” (QUADRO 1) indica a assistência prestada pelo enfermeiro à família do portador de TEA. Esta Mostra que os enfermeiros orientam a família sobre o transtorno e procuram encaminhar para outros profissionais, como psicólogos, que realizam o acompanhamento e o auxílio da família, tentando encorajar e incentivar a participação no tratamento. Ainda assim, alegam não ter a experiência adequada, devido à falta de clientes com este transtorno em sua área de abrangência.

**Quadro 1:** Caracterização da assistência de enfermagem realizada à família do portador de TEA, de acordo com as principais respostas da questão nº 2 do questionário aplicado.

<b>Categoria: Assistência de enfermagem realizada à família</b>	
<b>Definição:</b> Orientação com cuidados básicos ao paciente e encaminhamentos conforme necessidade no intuito de melhorar a qualidade de vida e diminuir o sofrimento da família e do paciente. Orientações sobre a busca por profissionais qualificados e a importância do acompanhamento multiprofissional. Incentivo ao tratamento, encorajamento, indicar apoio psicológico se necessário, terapias alternativas, seguir cuidados com a saúde (prevenção). Ao perceber sinais de autismo procuro acompanhar e auxiliar os familiares encorajando-os, transmitindo tranquilidade, incentivando o tratamento, apoiando a família, acompanhando a criança, realizando palestra de apoio, pesquisas e estudos sobre o autismo, para melhorar o atendimento e incluir este paciente. Assistência não realizada devido à falta contato com familiares do portador de TEA.	
<b>Temas:</b>	<b>Exemplos de respostas:</b>
<b>Orientação</b>	<b>E2:</b> Orientação desde cuidados básicos ao paciente a possíveis encaminhamentos no intuito de melhorar a qualidade de vida e diminuir o sofrimento da família e do paciente. <b>E6:</b> Orientações e encaminhamentos conforme necessidade para outros profissionais. <b>E7:</b> Até o momento não tivemos nenhum caso, porém, se houver daria orientações sobre a busca por profissionais qualificados e a importância do acompanhamento da criança por uma equipe multiprofissional. <b>E8:</b> Incentivo ao tratamento, encorajamento, indicar apoio psicológico se necessário, terapias alternativas, seguir cuidados com a saúde (prevenção). <b>E15:</b> Orientação sobre o encaminhamento para o neurologista
<b>Acompanhamento</b>	<b>E4:</b> Ao perceber os sinais de autismo procuro acompanhar e auxiliar os familiares encorajando-os e transmitindo tranquilidade focando no bem maior que é o paciente, incentivando ao tratamento.

	<b>E14:</b> Diagnostico das alterações, apoio a família, tratamento e acompanhamento da criança, palestra de apoio, pesquisas e estudos sobre o autismo, para melhorar o atendimento o e incluir este paciente.
<b>Inexperiência</b>	<b>E17:</b> Não temos nesta unidade paciente autista. <b>E5:</b> Infelizmente não tenho nenhum paciente autista no momento. <b>E3:</b> Durante esse período de UBS não entrei em contato com alguém/família com autista. Somente conheço em particular amigo que tem filho autista. <b>E10:</b> No momento não temos nenhum trabalho voltado ao paciente com autismo. <b>E13:</b> A assistência realizada e o atendimento para consultas visto que não temos grupo para referido TEA.

Fonte: Elaborado pelos autores.

No que se refere a assistência de enfermagem, os resultados indicam que o atendimento é satisfatório, pois, mesmo com a falta de experiência ocasionada pelo não contato com esses pacientes, os enfermeiros demonstraram estarem aptos à auxiliar a família junto as adversidades cotidianas. Nesse sentido, Sena *et al.* (2015) postula que o enfermeiro deve estar determinado a oferecer assistência qualificada tanto ao autista, quanto aos seus familiares, não devendo negligenciar o atendimento por conta de possíveis adversidades, pois o cuidar e a execução do saber contribuem para a promoção, prevenção e reabilitação da saúde.

Segundo Barbosa e Nunes (2017) o cuidado ao paciente portador de TEA é uma tarefa difícil, visto que é necessário ao enfermeiro ter uma visão ampla acerca do transtorno. Sob esse prisma é preciso levar em conta a individualidade de cada um, possibilitando atendimento de qualidade e instruindo de forma adequada aos familiares, visando o aumento da qualidade de vida, sanando as dúvidas e atentando-se ao ponto de vista da família em relação ao desenvolvimento do cliente, estabelecendo confiança e obtendo êxito no tratamento.

Na categoria “A abordagem do enfermeiro a família” (QUADRO 2) observa-se a forma de abordagem do enfermeiro à família do portador de TEA, demonstrando que os enfermeiros procuram acolher e estabelecer vínculo, priorizando o atendimento humanizado, identificando as dificuldades e, conseqüentemente, auxiliando no enfrentamento das adversidades. Buscam orientar, no sentido de esclarecer, a condição atual da família e os possíveis problemas cotidianos, indicando terapias alternativas e cuidados que devem ser implementados. Apesar disso, ainda alegam inexperiência em virtude do pouco contato com o paciente em questão.

**Quadro 2:** Caracterização da abordagem do enfermeiro à família do portador de TEA, conforme principais respostas da questão nº 3 do questionário aplicado.

<b>Categoria: Abordagem do enfermeiro à família</b>	
<b>Definição:</b> Procuo saber o que a família conhece sobre a doença, como lida com a situação, quais as queixas e dificuldades, para assim poder planejar a assistência necessária. Acolhimento familiar. Realizar puericultura, identificando o portador de TEA, abordando todo aspecto familiar, identificando dificuldades, oferecendo apoio e realizando encaminhamentos necessários de forma humanizada com intuito de criar vínculo entre família e profissional promovendo apoio aos familiares, ajudando no enfrentamento de dificuldades e dúvidas. Investigar o histórico, as mudanças ocorridas com a criança desde o nascimento. Como a família se porta em relação a doença. Orientações necessárias para que a família esteja preparada para os futuros obstáculos, incentivando terapias ocupacionais e abordando quanto aos aspectos de cuidados e dificuldades encontradas pelos familiares em lidar com as situações.	
<b>Temas:</b>	<b>Exemplos de respostas:</b>
<b>Acolhimento</b>	<p><b>E2:</b> Procuo saber o que a família conhece sobre a doença, como lida com a situação, quais as queixas e dificuldades, para poder planejar a assistência necessárias.</p> <p><b>E5:</b> Não tenho. Mas se tivesse iria fazer o acolhimento de toda família.</p> <p><b>E8:</b> Realizado puericultura na unidade, então, assim e identificado um portador de TEA, seria abordado todo aspecto familiar, identificar dificuldades, oferecer apoio e realizar encaminhamentos necessários.</p> <p><b>E11:</b> O mesmo deve acontecer de maneira humanizada com intuito de criar um vínculo efetivo entre família e cliente.</p> <p><b>E12:</b> Estabelecendo vinculo e promovendo apoio aos familiares, ajudando no enfrentamento de dificuldades e dúvidas.</p> <p><b>E14:</b> Deveria ser realizado uma entrevista com os familiares a fim de investigar o histórico, as mudanças ocorridas com a criança desde o nascimento. Como a família se porta em relação a doença.</p>
<b>Orientação</b>	<p><b>E7:</b> Em primeiro lugar dar orientações necessárias para que essa família esteja preparada para os obstáculos que virão.</p> <p><b>E4:</b> Oriento a família a procurar musicoterapia, fonoaudióloga e se tiver na cidade equoterapia ou dança, oriento a família a estar sempre presente e sempre orientar a conhecer seus gostos para que possa melhorar.</p> <p><b>E16:</b> A família deve ser abordada quanto aos aspectos de cuidados direcionados e dificuldades encontradas pelos familiares em lidar com as situações.</p>

Fonte: Elaborado pelos autores.

No que diz respeito a abordagem do enfermeiro, os resultados indicam que as respostas são satisfatórias, visto que, priorizam o acolhimento, atendimento humanizado e a orientação dos membros integrantes da família, buscando apoiar e identificar os problemas com intuito de colaborar com o enfrentamento familiar acerca do transtorno. Desta forma, a abordagem deve ser realizada por um profissional que inspire confiança e segurança, devido ao impacto do diagnóstico na família (Rodrigues; Fonseca; Silva, 2008).

A vista disso, Nogueira e Rio (2011) esclarecem que o enfermeiro deve atuar com maior interesse e empenho, a fim de proporcionar o acolhimento integral da família e do autista, facilitando e intermediando a comunicação dos mesmos com a equipe multidisciplinar. Nesse sentido, o profissional deve olhar de maneira humanizada para o indivíduo, colocando-o como integrante ativo no processo de cuidar, buscando estabelecer vínculo entre o profissional e o cliente facilitando o entendimento dos efeitos

do processo saúde-doença na vida do cliente e dos seus familiares (Costa; Garcia; Toledo, 2016).

Assim sendo, compete ao enfermeiro orientar os familiares sobre o TEA e as possíveis dificuldades que irão enfrentar no cotidiano, enfatizando a importância da família no tratamento (Carniel; Saldanha; Fensterseifer, 2010).

A categoria “Dificuldades do enfermeiro no atendimento a família” (QUADRO 3), indica as dificuldades encontradas pelo enfermeiro na implementação de cuidados para a família do portador de TEA. Observa-se que as principais dificuldades elencadas foram a negação da família com relação a existência do transtorno, e, a falta de conhecimento, capacitação e treinamentos, prejudicando a abordagem da equipe de enfermagem e consequentemente a implementação de cuidados.

**Quadro 3:** Caracterização das principais dificuldades enfrentadas pelo enfermeiro no atendimento à família do portador de TEA, de acordo com as respostas mais coerentes da questão nº 4 do questionário aplicado.

<b>Categoria: Dificuldades do enfermeiro no atendimento à família</b>	
<b>Definição:</b> Falta conhecimento e domínio sobre o assunto prejudicando a identificação do cliente, sendo a maior dificuldade a falta de projetos, treinamento e capacitação voltada a essa temática, dificultando a identificação de casos e a abordagem familiar. Negação familiar, falta de estrutura e profissionais qualificados.	
<b>Temas:</b>	<b>Exemplos de respostas:</b>
<b>Capacitação</b>	<b>E5:</b> Falta de conhecimento/treinamento. <b>E9:</b> Saber e identificar esse cliente e ter capacidade para tal. <b>E6:</b> A maior dificuldade é o fato de não ter nenhum projeto e/ou treinamento ou capacitação sobre o assunto. <b>E8:</b> Pouco conhecimento de casos e sobre o assunto. <b>E13:</b> Falta conhecimento sobre o assunto e como abordar esta família sobre o referido tema. <b>E17:</b> Não temos capacitação para tal e não temos atualização de como funciona os acompanhamentos. <b>E18:</b> Falta de conhecimento e capacitação.
<b>Negação Familiar</b>	<b>E10:</b> Por não ter contato, não tenho experiência, porem imagino ser difícil esse cuidado por muitos pais fecharem os olhos diante dessa deficiência. <b>E2:</b> Negação da família, falta de estrutura e de profissionais.

Fonte: Elaborado pelos autores.

No que diz respeito as dificuldades no atendimento à família, os resultados indicam que falta qualificação para os enfermeiros das UBS's e programas para capacitação contribuiriam para o desenvolvimento da equipe de enfermagem.

Pois de acordo com Sena *et al.* (2015), os enfermeiros possuem pouco conhecimento sobre TEA, devido à inexistência de capacitações voltadas ao assunto e a falta de contato direto com esses clientes durante seus anos de experiência.

Nesse contexto, o enfermeiro até conhece os sinais sugestivos de TEA, porém, muitas vezes, não conseguem identifica-los durante a coleta de dados, dificultando o diagnóstico e ocasionando maiores problemas ao portador de TEA e aos seus familiares. (Nunes; Souza; Giunco, 2009). Desta forma, Nunes, Souza e Giunco (2009, p. 139), destacam que “sem o conhecimento e reconhecimento dos sinais e sintomas precoces do autismo, não há possibilidade do profissional de saúde, especificamente a enfermagem, auxiliar na investigação inicial do autismo”.

Receber o diagnóstico do TEA no meio familiar pode ser impactante e ocasionar alterações repentinas na rotina, nas relações familiares, aumentando os gastos e necessitando de readaptações no cotidiano. Assim, após revelado o diagnóstico, a família desacredita, entrando em estado de negação e luto (Ebert *et al.*, 2015). Deste modo, nota-se a relevância de elucidar as dúvidas dos familiares e auxilia-los com a implementação de estratégias e cuidados, de modo a reduzir seus anseios e sofrimentos, possibilitando assistência de qualidade e maior chance de êxito na implementação de cuidados (Pinto *et al.*, 2016).

A categoria “Importância da assistência de enfermagem à família” (QUADRO 4), indica a visão de cada entrevistado em relação a importância da assistência de enfermagem para a família do portador de TEA. Mostra, que a atuação do enfermeiro é de suma importância devido a capacidade científica para analisar os sinais indicativos, auxiliando no diagnóstico, no planejamento e implementação de cuidados, tanto ao portador do TEA quanto aos seus familiares, visando o acolhimento de forma humanizada e o estabelecimento de confiança, assim, facilitando a capacitação familiar e acompanhamento de qualidade

**Quadro 4:** Caracterização da percepção dos enfermeiros quanto a importância da assistência de enfermagem à família do portador de TEA, conforme principais respostas da questão nº 5 do questionário aplicado.

<b>Categoria: Importância da assistência de enfermagem à família.</b>	
<b>Definição:</b> A enfermagem é fundamental para essas famílias, apoiando e apontando estratégias minimizando o impacto psicológico, pois juntos conhecemos e oferecemos técnicas que podem facilitar a comunicação da criança e o relacionamento entre os que com ela convivem. O enfermeiro acaba sendo um dos primeiros profissionais a orientar a família e a direcionar aos próximos atendimentos necessários para que a família se sinta mais confortável e confiante em ajudar o portador de TEA na inclusão e aceitação social. O vínculo transmite confiança nas orientações gerando mais tranquilidade para a família. Promovendo palestras de incentivo, capacitação para os familiares e profissionais da área da saúde podendo orientar a família em como ajudar no desenvolvimento da criança. As orientações são para capacitar e inserir em uma rede atendimento multiprofissional, incentivando buscar maior conhecimento sobre o assunto.	
<b>Temas:</b>	<b>Exemplos de respostas:</b>

<b>Planejamento e Implementação de Cuidados</b>	<b>E7:</b> A enfermagem é fundamental para essas famílias no sentido de dar apoio e apontar estratégias de forma a minimizar o impacto psicológico na vida dessas famílias. <b>E4:</b> Sim. Pois juntos conhecemos e oferecemos técnicas que podem facilitar a comunicação da criança e o relacionamento entre os que com ela convivem.
<b>Acolhimento</b>	<b>E2:</b> Sim. O enfermeiro acaba sendo um dos primeiros profissionais a orientar a família e a direcionar aos próximos atendimentos necessários. <b>E6:</b> Sim, para que a família se sinta mais confortável e confiante em ajudar o portador de TEA na inclusão e aceitação social. <b>E8:</b> Sim. O vínculo transmite confiança nas orientações gerando mais tranquilidade para a família.
<b>Capacitação Familiar</b>	<b>E14:</b> Na promoção de saúde, proporcionando atendimento qualidade. Promovendo palestras de incentivo, capacitação para os familiares e profissionais da área da saúde. <b>E18:</b> Sim, pois podemos orientar a família em como ajudar no desenvolvimento da criança. <b>E16:</b> Pois de acordo com o desenvolvimento de cada criança as orientações são direcionadas para capacitar a família e ajudar a inserir em uma rede atendimento multiprofissional com atuação terapeuta ocupacional. <b>E15:</b> Incentivar os pais a conhecer mais sobre autismo mostrando que seu filho (a) tenha uma vida normal.

Fonte: Elaborado pelos autores.

No que se refere a importância da assistência de enfermagem à família, as respostas indicam que os enfermeiros compreendem a relevância desse processo e reconhecem a importância da sua função na atenção ao portador de TEA e seus familiares. Portanto, o enfermeiro é o profissional de saúde que estabelece maior contato com as famílias, possibilitando uma visão abrangente das dificuldades vivenciadas diariamente, facilitando o acompanhamento e implementação de cuidados (Mapelli *et al.*, 2018).

Segundo Falk *et al.* (2010), o acolher é uma ação tecno-assistencial, isto é, a visão humanizada do profissional em relação ao cliente que é identificado como fundamental na promoção da saúde. Deste modo, o acolhimento é o manejo diferenciado do trabalho, devido a escuta qualificada que possibilita o entendimento e identificação das necessidades do usuário, facilitando a resolução de problemas e evoluindo a qualidade do serviço prestado (Falk *et al.*, 2010).

A efetivação da Sistematização da Assistência de Enfermagem é imprescindível para o planejamento e implementação de cuidados de qualidade, visando a individualidade e necessidade de cada integrante da família. Tendo em vista que, para o portador de TEA é necessário estabelecer rotinas e programar as atividades diárias, onde todos devem se adaptar com intuito de evitar divergências e estresse, provocando agravamento do quadro clínico (Sudré *et al.*, 2011). Neste contexto, o enfermeiro deve promover a capacitação do cuidador, provendo-lhe informações sobre o tema, com intuito

de melhorar a condição física e mental do portador, pois pode haver variação do quadro clínico em relação ao ambiente onde ele está inserido (Dias *et al.*, 2015).

A categoria “O que pode ser feito para melhorar” (QUADRO 5), indica o que poderia ser feito pelos enfermeiros da UBS para melhorar a qualidade de vida da família do portador de TEA. Observa-se que a capacitação do enfermeiro contribui para a assistência de qualidade, auxiliando na implementação do autocuidado e conscientização da comunidade, possibilitando a criação de grupos de apoio formado por familiares de portadores do TEA, com intuito de promover a troca de experiências e minimizar as dificuldades cotidianas.

**Quadro 5:** Caracterização da percepção dos enfermeiros quanto a implementação de cuidados que atualmente não são oferecidos nas UBS’s para melhorar a qualidade de vida da família do portador de TEA conforme as principais respostas da questão nº 6 do questionário.

<b>Categoria: O que pode ser feito para melhorar.</b>	
<b>Definição:</b> Reunião e/ou encontros periódicos em grupo para que todos possam conhecer a realidade de cada um, com participação de equipe multiprofissional a essas famílias para troca de experiências e orientações. Palestras nas escolas e comunidade levando informações necessárias a toda população visto que o autismo é um assunto pouco debatido. Capacitação profissional e promoção do autocuidado.	
<b>Temas:</b>	<b>Exemplos de respostas:</b>
<b>Grupos de Apoio</b>	<p><b>E6:</b> Reunião e/ou encontros periódicos em grupo para que todos possam conhecer a realidade de cada um e poder observar que não estão sozinhos.</p> <p><b>E7:</b> Encontros mensais entre família e equipe multiprofissional para dar um melhor suporte a essas famílias.</p> <p><b>E8:</b> Disponibilizar para um grupo de pais se reunirem na unidade junto com profissionais de saúde para troca de experiências, orientações.</p> <p><b>E11:</b> propor a criação e implementação de um grupo de apoio formado pela equipe multiprofissional e famílias dos portadores de TEA, a fim de promover trocas de experiências e informações frente ao transtorno. Palestras nas escolas e demais ambientes propícios de maneira a levar informações necessárias a toda população visto que o autismo é um assunto pouco debatido</p> <p><b>E13:</b> Grupos de apoio, rodas de conversa.</p> <p><b>E16:</b> Formação de grupos para interação e troca de experiência, diminuir e apoiar o grau de dificuldade de cada familiar.</p> <p><b>E18:</b> Capacitação e orientação. Grupo de apoio.</p>
<b>Qualificação Profissional</b>	<p><b>E15:</b> Orientação e capacitação.</p> <p><b>E5:</b> Prestar uma assistência de qualidade, um atendimento diferenciado, capacitar os profissionais envolvidos.</p> <p><b>E9:</b> Capacitar adequadamente os profissionais.</p> <p><b>E12:</b> Buscar a capacitação específica para poder intervir de forma correta e identificar o problema na fase inicial para um tratamento com excelência</p> <p><b>E14:</b> Capacitação, promoção de autocuidado. Já existem palestras e cursos, porém as equipes ainda são muito leigas quando o assunto é TEA. A capacitação deve ser para todos os profissionais desde o recepcionista a zeladora. Quanto mais capacitados, podemos melhorar a qualidade de vida.</p> <p><b>E17:</b> Primeiro precisa-se de capacitação voltada para o assunto e acompanhamento psicológico.</p>

Fonte: Elaborado pelos autores.

No que se refere ao que poderia ser feito pelo enfermeiro para melhorar a qualidade de vida da família do portador de TEA, as respostas demonstram que os enfermeiros poderiam promover a formação de grupos de apoio, mas reconhecem que necessitam se qualificar para intervir de maneira adequada. Nesse sentido, poderiam oferecer informações a comunidade a respeito do TEA, visto que, não é de entendimento de todos os sinais indicativos do transtorno (Sena *et al.*, 2015).

Segundo Mapelli *et al.* (2018), organizar reuniões frequentes entre grupos compostos por familiares em condição semelhante, pode auxiliar no enfrentamento das dificuldades cotidianas devido ao compartilhamento de experiências vividas desde o diagnóstico, as principais dificuldades, as conquistas e os cuidados referentes ao autista.

Desta forma, a capacitação do enfermeiro e da sua equipe é fundamental, visto que, comumente, este é o primeiro profissional que tem contato com a família e cabe a ele orientar a respeito dos serviços e tratamentos adequados ao paciente e seus familiares (Ferreira; Kurcgant, 2009). Para obter resultados satisfatórios deve haver esforço em conjunto entre família, enfermeiro e equipe multiprofissional, proporcionando atendimento de qualidade, ou seja, com maior eficácia e menos estresse (Moreira, 2010).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O entendimento dos enfermeiros que atuam nas UBS sobre TEA é de grande relevância devido seu contato direto e constante com as famílias que residem em sua área de abrangência, permitindo identificar precocemente características indicativas deste transtorno, possibilitando o encaminhamento rápido deste paciente para profissionais capacitados, garantindo atenção especializada, diagnóstico e início de tratamento precocemente, minimizando o sofrimento do mesmo e principalmente de seus familiares. Desta maneira, cria-se vínculo efetivo, facilitando o acompanhamento do diagnóstico, tratamento e permitindo auxiliar nas adversidades cotidianas, implementando cuidados para este paciente e principalmente para seus familiares.

Nesse contexto, a realização desta pesquisa possibilitou identificar as experiências dos enfermeiros frente ao atendimento às famílias de portadores do TEA, permitindo constatar que os profissionais compreendem a importância de suas ações para a família do portador de TEA, contudo, a maioria dos enfermeiros, relatam não ter contato com casos de TEA, configurando pouca experiência.



Dentre as principais dificuldades relatadas, destaca-se a falta de capacitação dos enfermeiros com relação ao atendimento à família, dificultado a escuta terapêutica de qualidade e identificação do profissional quanto aos problemas enfrentados pelos mesmo, impossibilitando a implementação de cuidados em âmbito individual e coletivo.

Por conseguinte, visando minorar a deficiência na formação dos profissionais, se faz necessário o desenvolvimento de capacitações em saúde mental para os enfermeiros das UBS's, a fim de mantê-los atualizados através de cursos, palestras, materiais informativos, pois, é de extrema importância a educação continuada destes profissionais.

Sugere-se uma nova pesquisa realizando levantamento dos casos de TEA nesses municípios para confrontar com o atual trabalho, objetivando o maior entendimento sobre o assunto nessas regiões.

Portanto, almeja-se que esta pesquisa contribua para melhor desempenho profissional dos enfermeiros, estimulando-os a buscar maiores conhecimentos sobre o assunto e aprimorar a assistência, pois, percebe-se que o enfermeiro não está totalmente preparado para o acolhimento dessas famílias o que acaba dificultando a identificação precoce, e aumentando o estresse familiar durante a sua longa jornada em busca de tratamento.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. de C. Nursing is no longer a submissive profession. **Rev. bras. enferm.**, Brasília , v. 60, n. 1, p. 96-98, fev. 2007.

BANDEIRA, L.; OLIVEIRA, E. M. de. Representações de gênero e moralidade na prática profissional da enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 51, n. 4, p. 677-696, 1998.

BARBOSA, P. A. da S.; NUNES, C. dos R. Relação entre o enfermeiro e a criança com transtorno do espectro do autismo. **Revista Científica Interdisciplinar**, São Carlos, v. 2, n. 2, p.100-196, dez. 2017.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70; 2011.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde, Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. **Resolução Nº 466 de 12 de dezembro de 2012**: aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde; 2012.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Sergio Tolipan (ed.). **Autismo: orientação para os pais.** Casa do Autista. Brasília: Ministério da Saúde; 2000.

CÂMARA, R. H. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, Brasília, v. 6, n. 2, p. 179-191, jul/dez, 2013.

CARNIEL, E. L.; SALDANHA, L. B.; FENSTERSEIFER, L. M. A atuação do enfermeiro frente à criança autista. **Revista de Pediatria**, São Paulo, v. 32, n. 4, p.255-60, 2010.

COSTA, P. C. P. da; GARCIA, A. P. R. F.; TOLEDO, V. P. Acolhimento e cuidados de enfermagem: um estudo fenomenológico. **Texto contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 25, n. 1, 2016.

DIAS, T. R. *et al.* Sistematização da assistência de enfermagem (SAE), do cuidador de criança autista. **Anais. Encontro Científico Cultural Interinstitucional**. 13º, Cascavel-PR. 2013.

EBERT, M.; LORENZINI, E.; SILVA, E. F. Trajetórias percorridas por mães de crianças com transtorno autístico. **Revista Gaúcha Enfermagem**, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 49-55, mar, 2015.

EDUARDO, E. A. *et al.* Análise de modelo de tomada de decisão de enfermeiros gerentes: uma reflexão coletiva. **Revista Brasileira Enfermagem**, Brasília, v. 68, n. 4, p. 668-675, 2015.

FALK, M. L. R. *et al.* Acolhimento como dispositivo de humanização: percepção do usuário e do trabalhador em saúde. **Revista APS**, Juiz de Fora, v. 13, n. 1, p. 4-9, Jan/Mar, 2010.

FERREIRA, J. C. de O. A.; KURCGANT, P. Capacitação profissional do enfermeiro de um complexo hospitalar de ensino na visão de seus gestores. **Acta Paul. Enfermagem**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 31-36. 2009.

GRIESI-OLIVEIRA, K.; SERTIE, A. L. Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético. **Revista Einstein**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 233-238, 2017.

MAPELLI, L. D. *et al.* Criança com transtorno do espectro autista: cuidado da família. **Revista Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, 2018.

MOREIRA, N. S. O cuidar do portador de autismo e seus familiares: uma abordagem multiprofissional. **Revista pesq.: cuid. Fundam.**, online, p.271:274., Out/dez, 2010.

NÃO se curem além da conta. Gente curada demais é gente chata. Nise da Silveira. **Revista Pazes**, [Online], Outubro, 2016.

NUNES, S. C.; SOUZA, T. Z.; GIUNCO, C. T. Autismo: Conhecimento da equipe de enfermagem. **Revista Cuidarte Enfermagem**, Catanduva-SP, v. 3, n. 2, p. 134-141, jul-dez., 2009.

OPAS/OMS. Folha informativa - Transtorno do espectro autista. 2017. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?Itemid=1098>. Acesso em: 15 abril 2019.

PINTO, R. N. M.; *et al.* Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Revista Gaúcha Enfermagem**, Porto Alegre, v. 37, n. 3, e61572, 2016.

SENA, R. C. F. de *et al.* Practice and knowledge of nurses about child autism. **Journal of Research Fundamental Care Online**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 2707-2716, Jul-set. 2015.

SILVA, L. A. A. da *et al.* Educação permanente em saúde e no trabalho de enfermagem: perspectiva de uma práxis transformadora. **Revista Gaúcha Enfermagem**, Porto Alegre, v. 31, n. 3, p. 557-561, 2010.

SOUSA, A. M. B. da S.; SOUSA, C. da S. Produções científicas sobre os cuidados de enfermagem às crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, online, vol. 01. p. 387-406, abril, 2017.

SPINDOLA, T.; SANTOS, R. da S. O trabalho na enfermagem e seu significado para as profissionais. **Revista Brasileira Enfermagem**, Brasília, v. 58, n. 2, p. 156-160, abr. 2005.

TABAQUIM, M. de L. M. *et al.* Autoeficácia de cuidadores de crianças com o transtorno do espectro autista. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 32, n. 99, p. 285-292, 2015.

## **CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA**

Larissa Rafaela de Paula Ferreira: Conceituação. Análise formal. Redação do manuscrito original.

Marileisa Barbosa: Planejamento do estudo, delineamento metodológico, Coleta de dados, análise de dados e escrita do artigo.

Renan Felipe de Paula Ferreira: Redação -revisão e edição.

Daniele Garcia de Almeida Silva: Redação -revisão e edição.

Cristiane Cláudia Meinerz: Supervisão. Redação do manuscrito original. Redação -revisão e edição.